

Cita: Silva, M. P. P., Campos, D. & Peixoto, E. M. (2025). Habilidades para a vida por meio do esporte: Evidências da influência dos componentes do desenvolvimento positivo de jovens. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 25(2), 115-133

Habilidades para la vida a través del deporte: evidencia de la influencia de los componentes del desarrollo positivo juvenil

Life skills through sport: Evidence of the influence of components of positive youth development

Habilidades para a vida por meio do esporte: Evidências da influência dos componentes do desenvolvimento positivo de jovens

Silva, Maynara P. P.¹, Campos, Daniele¹, Peixoto, Evandro M.¹

¹*Universidade São Francisco – USF, Campinas/ SP, Brasil*

RESUMEN

El estudio investigó la relación entre dos modelos de Desarrollo Juvenil Positivo: las 5C y la transferencia de habilidades, examinando su papel facilitador (competencia, confianza, conexión, cuidado y carácter). Participaron 208 atletas (12-24 años; $M = 19.1 \pm 2.67$; 51.4% hombres). Un análisis de potencia muestral (G*Power, $\alpha = 0.005$) garantizó robustez. Dos análisis se realizaron: (1) Correlación de Pearson, con relaciones significativas ($r = 0.27$ a 0.60 ; $p < 0.05$); y (2) Modelos de Ecuaciones Estructurales, donde competencia (53%), confianza (54%), conexión (62%), cuidado (27%) y carácter (45%) explicaron la varianza en la transferencia. La integración de ambos modelos avanza la aplicación del desarrollo positivo en el deporte, al mostrar correlaciones significativas y que fortalecer las 5C incrementa la transferencia. Su uso en programas deportivos podría potenciar resultados adaptativos y saludables.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología Positiva; Psicología del Deporte; Validación de Test.

ABSTRACT

The study investigated the relationship between two models of Positive Youth Development: 5C's and skill transfer, in addition to analyzing the facilitating role of the 5C's (competence, confidence, connection, caring and character). A total of 208 athletes participated (12-24 years; mean 19.1 ± 2.67 ; 51.4% male), and a sample power analysis (G*Power, $\alpha = 0.005$) ensured statistical robustness. Two analyses were performed: (1) Pearson Correlation, which revealed significant relationships ($r = 0.27$ to 0.60 ; $p < 0.05$); and (2) Structural Equation Modeling, indicating that competence (53%), confidence (54%), connection (62%), caring (27%) and character (45%) explained the variance in skill transfer. The integration of the models represents an advance in the application of positive development in sports, since both presented significant correlations, and the strengthening of

the 5C's is associated with an increase in the transfer of skills. The application of these models in sports programs can, therefore, favor adaptive results.

Keywords: Psychological Assessment; Positive Psychology; Sport Psychology; Test Validity.

RESUMO

O estudo investigou a relação entre dois modelos do Desenvolvimento Positivo de Jovens: 5C's e a transferência de habilidades, além de analisar o papel facilitador dos 5C's (competência, confiança, conexão, cuidado e caráter). Participaram 208 atletas (12-24 anos; média 19.1 ± 2.67 ; 51.4% homens), e uma análise de poder amostral (G*Power, $\alpha = 0.005$) assegurou robustez estatística. Duas análises foram realizadas: (1) Correlação de Pearson, que revelou relações significativas ($r = 0.27$ a 0.60 ; $p < 0.05$); e (2) Modelagem de Equações Estruturais, indicando que competência (53%), confiança (54%), conexão (62%), cuidado (27%) e caráter (45%) explicaram a variância na transferência de habilidades. A integração dos modelos representa um avanço na aplicação do desenvolvimento positivo no esporte, uma vez que ambos apresentaram correlações significativas, e o fortalecimento dos 5C's está associado ao aumento na transferência de habilidades. A aplicação desses modelos em programas esportivos pode, portanto, favorecer resultados adaptativos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Psicologia Positiva; Psicologia do Esporte; Validade do Teste.

INTRODUÇÃO

Desde o início das discussões acerca do Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ), pesquisadores têm demonstrado a importância da compreensão teórica e prática da abordagem em diferentes contextos (e.g., Holt et al., 2020; Lerner & Galambos, 1998; Lerner & Steinberg, 2004; Peixoto et al., 2019). A partir disso, autores começaram a explorar diferentes modelos teóricos com intuito propor estruturas para mensurar o DPJ em diferentes áreas da vida (social, escolar, esportivo). Alguns exemplos de modelos são: modelo teórico 5C's (Lerner et al., 2005) e o modelo de transferência de habilidades para a vida (Gould & Carson, 2008). O contexto esportivo, em específico, tem sido considerado um facilitador do DPJ, por proporcionar experiências aos atletas que estimulam determinadas características, além de contribuir para aprimorá-las, por exemplo, trabalho em equipe, responsabilidade, liderança, resolução de conflitos, entre outros (Holt et al., 2017; Vierimaa et al., 2018). Na literatura da Psicologia do Esporte e do Exercício físico é possível observar avanços para explorar ambos os modelos associados à prática esportiva (e.g., Campos, 2022; Romano, 2022; Silva et al., 2024). Contudo, as discussões ainda são de forma isolada, ou seja, não há esforços para compreender os modelos entre si.

Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte

O DPJ surgiu em meados da década de 1990, com reflexões acerca do estigma sobre o processo da adolescência e a transição para a vida adulta. Pesquisadores propuseram que esse período da vida fosse considerado promissor e positivo, ao reconhecerem que todos os jovens têm potencialidades para um desenvolvimento saudável e bem-sucedido (Lerner, 2017; Lerner & Galambos, 1998; Lerner & Steinberg, 2004). Ou seja, é importante estimular e aprimorar as habilidades e competências (e.g., tomada de decisão, liderança, empatia, entre outros), com intuito de promover comportamentos e emoções adaptativas. E, por consequência, contribuir para que os comportamentos de riscos sejam minimizados (e.g., evasão escolar, uso de álcool, entre outros) (Lerner & Galambos, 1998; Lerner & Lerner, 2011; Lerner & Steinberg, 2004).

A partir disso, entende-se que o DPJ não negligencia a presença de comportamentos de riscos ou aqueles considerados problemáticos. No entanto, seu foco reside em promover a identidade positiva, fortalecer os fatores de

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

proteção, estimular a capacidade de autocontrole e tomada de decisões. Ainda busca fortalecer o ambiente em que o jovem está inserido, ao promover as habilidades sociais (e.g., contribuição, empatia) (Catalano et al., 2004; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

As principais características do DPJ incluem: (1) um ambiente adequado, com estrutura física e clima social que favoreçam a construção de relações saudáveis; (2) a ênfase na contribuição dos jovens, ou seja, promover atividades que estimulem o desenvolvimento individual e comunitário, proporcionando-lhes papéis ativos como participantes e líderes; (3) o fortalecimento dos recursos internos dos jovens, com foco no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e comportamentais, que possam ser transferidas para outras áreas da vida (Catalano et al., 2019; Hinson et al., 2016). Em suma, a aplicação do DPJ pode ser compreendida como teórica e metodológica, ao trabalhar com o desenvolvimento, prevenção e pelo envolvimento do indivíduo com a comunidade (Catalano et al., 2004; Kurtines et al., 2008; Montgomery et al., 2008).

No contexto esportivo, o DPJ ganhou destaque a partir da década de 2010, tornando-se alvo de estudos teóricos e de intervenções (Holt et al., 2017; Holt et al., 2020). Nesse ambiente, as atividades costumam ser organizadas e supervisionadas por profissionais capacitados, o que contribui para a criação de um espaço de aprendizado, suporte e cooperação. Além disso, os desafios inerentes ao esporte estimulam os jovens para a cooperação e o trabalho em equipe, promovendo o desenvolvimento de suas habilidades sociais (Esperança et al., 2018).

Os programas esportivos alinhados à perspectiva do DPJ têm dois principais objetivos: contribuir para o desenvolvimento dos jovens para a vida em sociedade e facilitar a transição para a vida adulta. Para isso, buscam oferecer um ambiente saudável, auxiliando-os no enfrentamento dos desafios dessa transição (Gonzalez et al., 2019) e na construção de uma formação social além do contexto esportivo, como no ambiente escolar e familiar (Bowers et al., 2010; Phelps et al., 2009). Esses programas são fundamentados na promoção de fatores de proteção, como saúde mental e física, relacionamentos interpessoais e a autoestima (Bailey et al., 2013; Fraser-Thomas et al., 2005), o que contribui para um conjunto amplo de resultados positivos de desenvolvimento. No entanto, a simples participação no esporte não garante benefícios, pois os efeitos positivos da prática esportiva dependem de fatores sociais e contextuais. Ou seja, há uma influência significativa do papel dos treinadores, dos pais, dos colegas de equipe e na forma como o atleta experiencia a prática esportiva (Holt, 2008; Petitpas et al., 2005).

Nesse contexto, observa-se um crescente interesse em aprofundar a compreensão do DPJ no ambiente esportivo, explorando questões mais específicas sobre seu impacto nos diferentes domínios da vida dos jovens (Eichas et al., 2019; Holt et al., 2020). Diferentes autores desenvolveram modelos teóricos para avaliar esse fenômeno, por isso, o DPJ é frequentemente descrito como um conceito guarda-chuva, que abrange diversas estruturas teóricas voltadas à sua explicação a partir de perspectivas psicológicas, participativas e desenvolvimentistas (Eichas et al., 2019; Holt et al., 2020; Tolan et al., 2016).

Inicialmente, as principais estruturas teóricas do DPJ não foram formuladas para o contexto esportivo. No entanto, com o avanço das pesquisas, tanto teóricas (Borrueco et al., 2020; Pierce et al., 2017; Vierimaa et al., 2012), quanto empíricas (Silva et al., 2024; Campos et al., 2025), houve uma adaptação dessas estruturas para a realidade do esporte. Nesse sentido, pesquisadores têm direcionado seus esforços para investigar modelos aplicados ao esporte, como o modelo 5C's do desenvolvimento positivo de jovens e o de transferência de habilidades para a vida.

Modelo teórico 5C's

O modelo 5C's foi elaborado por Lerner et al. (2005), com a proposta de que é possível alcançar o DPJ quando o sujeito desenvolve cinco características, a saber, competência, confiança, conexão, cuidado e caráter. A competência, por exemplo, é uma perspectiva que o indivíduo tem sobre suas próprias ações em determinadas áreas, no esporte a competência está associada ao desempenho ou habilidade atlética, dividida em três elementos (técnicas, táticas e físicas). A confiança são as crenças acerca da autoestima e autoeficácia que o indivíduo tem sobre si, no ambiente esportivo a confiança é direcionada sobre a capacidade de ter sucesso na prática esportiva. A

conexão refere-se aos vínculos que são construídos e sobre o nível de qualidade das relações, que podem ser estabelecidas com os treinadores, colegas de equipe e adversários. O cuidado é o sentimento de empatia e compaixão que o indivíduo tem consigo e com os outros. Por fim, o caráter refere-se aos respeitos pelas regras sociais e culturais, no esporte é representado pelo envolvimento em comportamentos pró-sociais, espírito esportivo e desenvolvimento moral (Bowers et al., 2010; Lerner et al., 2005; Vierimaa et al., 2012).

À medida que o jovem desenvolve características físicas, sociais, psicológicas, emocionais e intelectuais, acontecerá um processo para a promoção de um novo C, denominado como contribuição ou sexto C. Ou seja, conforme demonstre ter as cinco características o indivíduo tenderá a contribuir com a sociedade, por consequência, a sociedade também ficará motivada a auxiliar as próximas gerações (Lerner & Lerner, 2011; Lerner et al., 2005).

Os 5C's têm ganhado um espaço importante em estudos teóricos e em programas esportivos. Nesse contexto, o modelo sugere que, ao longo da prática esportiva, os jovens desenvolvam habilidades físicas, aspectos psicológicos e sociais fundamentais para sua formação. Programas estruturados com base nesse modelo têm o objetivo de promover um ambiente que incentive o aprimoramento técnico (movimento, velocidade e flexibilidade), construção de crenças positivas sobre si, estabelecimento de vínculos interpessoais (construído com treinadores, adversários e pares), comportamentos éticos (ter espírito esportivo e não ser violento) e sentimentos de compaixão e empatia. Para que essas cinco características sejam alcançadas, os programas buscam estimular a autonomia, trabalhar com feedback positivos de pais e treinadores e promover desafios que incentivem os atletas a elaborarem estratégias e tomar decisões. De maneira geral, os programas baseados nos 5C's são moldados por três elementos: natureza das atividades esportivas, tipos de relacionamentos sociais, e características físicas e sociais dentro do ambiente esportivo (Harwood et al., 2015; Vierimaa et al., 2017).

Uma revisão elaborada por Heck e Subramaniam (2009) apresentou resultados referente ao modelo, sugerindo que os indivíduos que manifestam as cinco características têm maior probabilidade de obter benefícios pessoais e relacionais. Assim, tendem a se engajar com mais facilidade no ambiente familiar, comunitário e social. Além disso, os autores afirmam que o modelo apresenta maior suporte empírico. Essa afirmação é corroborada por diferentes estudos disponíveis na literatura, que avaliam o modelo e sua adequação à aplicação (e.g., Dvorsky et al., 2019; Lerner et al., 2005; Silva et al., 2024). No esporte, o modelo tem ganhado um destaque principal em pesquisas teóricas e na investigação da sua aplicação nos programas esportivos (Harwood, 2008; Harwood et al., 2015; Vierimaa et al., 2012).

No estudo de Vierimaa et al. (2012), os autores buscaram refletir sobre a estrutura teórica com cinco características, a partir de uma revisão teórica de Côté et al. (2010). Os autores propuseram o agrupamento de dois C's (caráter e cuidado), por entender que essas características não apresentavam uma definição compreensível no contexto esportivo, o que gerou em uma nova conjuntura denominada de 4C's (Vierimaa et al., 2012).

Apesar de uma nova conjuntura ser proposta, estudos recentes com atletas corroboraram que a estrutura de 5C's é adequada para o esporte, ao sugerir que o cuidado e o caráter podem ser considerados diferentes (Campos, 2022; Silva et al., 2024). Na pesquisa de Silva et al. (no prelo), por exemplo, cuidado e caráter obtiveram uma correlação nula ($r = 0,09$). Os resultados também demonstraram que o modelo se ajustou bem aos dados da amostra, ao apresentar índices de ajustes considerado bons (CFI = 0,998; TLI = 0,998; RMSEA = 0,011; Campos, 2022) e (CFI = 0,950; TLI = 0,948; RMSEA = 0,045; Silva et al., 2024).

Transferência de habilidades para a vida

As habilidades são definidas a partir do agrupamento de diferentes componentes (cognitivo, emocional, social e comportamental), a saber, autoconhecimento, relacionamentos interpessoais, empatia, comunicação, criatividade, gerenciamento de emoções, raciocínio crítico, tomada de decisões, resolução de problemas e situações de estresse.

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

Entende-se que essas habilidades são fundamentais para o desenvolvimento positivo e saudável do jovem, por isso, devem ser estimuladas durante o processo da transição para a vida adulta (World Health Organization, 1994; 1999).

As habilidades podem ser interpretadas como ferramentas úteis para lidar com os desafios e demandas durante a fase da adolescência (Agnew et al., 2019). No esporte, essas habilidades também podem aprendidas e estimuladas, a partir de um ambiente de interação com os colegas de equipe, treinadores e familiares, além da participação efetiva na prática esportiva (Lerner, 2017). O papel do treinador, por exemplo, é necessário para que haja demonstração e execução. Ou seja, o treinador busca compartilhar seu conhecimento sobre estratégias, movimentos físicos e técnicas, por consequência, o atleta tem a possibilidade de aplicar na prática o que aprendeu (Jacobs & Wright, 2018).

A transferência de habilidades para vida no contexto esportivo refere-se ao conhecimento e aprimoramento das habilidades/competências, que podem ser aplicadas a outras áreas da vida (escola, trabalho), sendo considerada um processo contínuo (Milistetd et al., 2020; Pierce et al., 2017). Uma vez que o sujeito vai interagir e interpretar os aspectos contextuais, relacionais e subjetivos, para conseguir obter os resultados positivos ou negativos da transferência (Pierce et al., 2017).

Para que essa transferência ocorra de maneira eficaz, os programas esportivos devem adotar metodologias intencionais que auxiliem os atletas a refletirem sobre como suas experiências no esporte podem ser utilizadas em desafios cotidianos. Estratégias como o ensino explícito de habilidades, discussão de situações esportivas em comparação com experiências de outros ambientes e o incentivo à autorregulação emocional são fundamentais nesse processo. Em outras palavras, a integração desse modelo nos programas esportivos amplia o impacto positivo da prática, permitindo que os jovens promovam competências que ultrapassem os limites do ambiente esportivo (Gould & Carson, 2008; Bean et al., 2018).

No que diz respeito ao modelo de transferências, pesquisadores têm refletido sobre algumas possibilidades, como o modelo heurístico de desenvolvimento de habilidades para a vida, transferências de habilidades para a vida baseada no esporte, intervenção no desenvolvimento da vida/necessidades básicas de transferência e estrutura conceitual para transferências de habilidades para a vida no desenvolvimento de jovens com base no esporte. Com todas essas possibilidades, chegou a uma conclusão de que alguns aspectos podem influenciar no aprendizado das habilidades e nas suas transferências para outros domínios, sendo os principais os ativos internos (questões individuais) e ativos externos (recursos ambientais e relacionais) (Gould & Carson, 2008; Pierce et al., 2017).

Alguns estudos (Romano, 2022; Weiss et al., 2014) têm indicado que é possível avaliar a transferência de habilidades, com o instrumento denominado *Life Skills Transfer Survey* (LSTS), elaborado por Weiss et al. (2014). E a disponibilização de um instrumento considerado adequado permite que os pesquisadores tenham uma ferramenta adicional para avaliação de programas baseados no DPJ. Além disso, também possibilita avaliar os possíveis efeitos do programa em os outros domínios da vida do indivíduo (Weiss et al., 2014).

A presente pesquisa

Sabe-se que até o momento os modelos foram investigados e testados de maneira individual (Campos, 2022; Romano, 2022; Silva et al., 2024; Weiss et al., 2014). Estudos anteriores também demonstraram a eficácia dos modelos, 5C's (Campos, 2022; Silva et al., 2024) e transferência de habilidades para a vida (Romano, 2022), em avaliar o DPJ na prática esportiva brasileira. A presente pesquisa busca contribuir com o avanço da avaliação do desenvolvimento positivo, ao dar suporte empírico para as medidas disponíveis para mensuração dos dois modelos. Assim, o objetivo é estimar novas propriedades psicométricas dos instrumentos, além de compreender a relação entre dois modelos teóricos e identificar se os componentes de um modelo facilitam para que as habilidades aprendidas possam ser aplicadas em outras áreas da vida.

MATERIAL E MÉTODOS

Desenho do estudo

Este estudo adota uma abordagem empírica de corte transversal com estratégia associativa, com o objetivo de explorar como dois modelos teóricos do desenvolvimento positivo se relacionam entre si. A estratégia associativa costuma ser utilizada em diferentes circunstâncias; neste artigo, será empregada para investigar a relação existente entre dois modelos teóricos, além de verificar a capacidade preditiva de um modelo em relação ao outro (Ato et al., 2013).

Participantes

A amostra, por conveniência, foi composta por 208 jovens atletas, com idades entre 12 e 24 anos ($M = 19,1 \pm 2,67$), de ambos os sexos (51,4% masculino). Para a análise estatística, foi empregado o poder amostral de critério, realizado no G*Power, com intuito de verificar a capacidade da amostra para minimizar o risco de erros, exigindo evidências mais robustas. O poder amostral confirmou o nível de significância ajustado para $\alpha = 0,005$ (Faul et al., 2007). Os participantes são residentes de diferentes regiões do país, sendo 46,6% da região Sudeste, 26,9% do Sul, 10,1% do Nordeste, 10,1% do Centro Oeste e 6,3% do Norte. Os atletas descreveram praticar diferentes modalidades esportivas, por exemplo, handebol, atletismo, natação, judô, voleibol, basquetebol, entre outros. A maioria das modalidades são praticadas com equipe (74%), com os participantes descrevendo ter experiência a mais de cinco anos (64,4%). Em relação ao nível competitivo, 41,3% dos atletas afirmaram estar em nível nacional, 26,9% em nível estadual, 16,8% internacional e 14,9% regional. Por fim, a maioria dos atletas informaram que já treinou com outros técnicos (88,9%).

Instrumentos

Bateria dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte (5C's – DPJE): O instrumento foi desenvolvido por Campos et al. (no prelo), com objetivo de avaliar o modelo teórico 5C's. É composta por 60 itens, sendo separados em cinco subescalas, sendo elas, competência (e.g., Sou bom no meu esporte), confiança (Tenho clareza dos meus objetivos), conexão (Procuró ter uma boa relação com meu técnico), cuidado (Procuró ser gentil comigo mesmo) e caráter (Procuró ser justo). Os respondentes devem indicar, por meio de uma escala Likert de cinco pontos, o quanto discordam ou concordam com um item (1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente). Estudos iniciais de investigação das propriedades psicométricas sugeriram a solução fatorial unidimensional para cada C, com cargas fatoriais variando de -0,52 e 0,64 para competência, de -0,55 a 0,82 para confiança, -0,62 e 0,92 para conexão, de 0,42 e 0,88 para cuidado e de 0,38 e 0,68 para caráter. Além de bons níveis de precisão, pelo ômega McDonald's de 0,90 para todos os C's, com exceção da confiança que apresentou 0,91 (Campos et al., 2025).

Questionário de transferência de habilidades para a vida – (LSTS): Construída inicialmente por Weiss et al. (2013), é composta por 50 itens divididos em oito fatores, sendo eles, encontro e cumprimento, gerenciando sentimentos, estabelecendo objetivos, resolvendo conflitos, fazendo escolhas saudáveis, apreciando a diversidade, buscando por ajuda dos outros e ajudando os outros. Os itens são respondíveis por meio uma escala Likert de cinco pontos que variam entre “1 – não é verdadeira para mim” e “5 – totalmente verdadeiro para mim”. O estudo de adaptação do instrumento para o Brasil foi realizado por Romano (2022), corroborando a estrutura fatorial de oito fatores, com bons índices de consistência interna (0,75 – 0,91). Uma versão short foi elaborado pelos autores, composta por 32 itens, sendo quatro itens para cada fator. Os resultados indicaram a adequação dessa versão, no que diz respeito a estrutura fatorial e consistência interna. A presente pesquisa utilizou a versão reduzida do instrumento.

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

Procedimentos

A coleta de dados iniciou após a aprovação do projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de São Francisco (CAAE: 50605221.3.0000.5514). Foram contatados projetos esportivos de diferentes segmentos, por exemplo, escola, projetos sociais e treinamentos esportivos. Aos participantes adolescentes foram repassados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais e/ou responsáveis, bem como o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para o respondente. No que diz respeito aos atletas adultos, a participação estava condicionada apenas ao aceite do TCLE. Os participantes foram informados sobre os procedimentos e objetivos do estudo, além disso, foi assegurado o direito do sigilo sobre os dados coletados e a possibilidade de desistir em qualquer momento da sua participação.

Análise de dados

Para alcançar os objetivos propostos foi necessário realizar uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), com intuito comparar as estruturas fatoriais para as duas medidas, saber, estrutura correlacionada, hierárquica e bifactor. Foi empregado o método de estimação *Weighted Least Square Mean And Variance Adjusted* (WLSMV) e para interpretação dos resultados foi utilizado como parâmetro de corte, a saber, $\chi^2/\text{grau de liberdade} \leq 3$, *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) $\leq 0,08$, *Comparative Fit Index* (CFI) $\geq 0,9$ e *Tucker-Lewis Index* (TLI) $\geq 0,9$ (Brown, 2014). Para o modelo bifactor, em específico, ainda foram verificados índices adicionais, sendo eles, correlações não contaminadas (PUC), variância comum explicada (ECV) e ômega hierárquico (ômegaH). O parâmetro de corte empregado para corroborar a solução bifactorial é de PUC superior a 0,80, ECV superior a 0,60 e ômegaH superior a 0,70 (Reise et al., 2013).

Para verificar a relação entre os dois modelos teóricos, o coeficiente de correlação de Pearson foi aplicado, considerando estatisticamente significativos os valores de $p < 0,05$. Por fim, empregou-se a análise modelagem de equações estruturais para mensurar o papel preditivo dos 5C's sobre os fatores da LSTS, por meio do método de estimação *Weighted Least Squares Mean and Variance-adjusted* (WLSMV). A interpretação dos resultados seguiu os critérios propostos por Brown (2015), assim como no AFC e o nível de significância considerado para estimação das associações entre as variáveis latentes foi $p < 0,05$. As análises foram conduzidas na linguagem R, por meio do software RStudio.

RESULTADOS

As análises iniciais indicaram a adequação dos instrumentos para avaliação dos 5C's (5C's – DPJE) e da transferência de habilidades para a vida (LSTS). Ao apresentar índices de ajustes considerados adequados em todos os modelos propostos para a estrutura fatorial, a saber, modelo correlacionado, modelo hierárquico e bifactor. Os resultados podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1

Comparação entre diferentes estruturas fatoriais dos modelos do 5C's e transferência de habilidades para vida.

Modelos	χ^2	Gl	p	χ^2/gl	CFI	TLI	RMSEA (IC 90%)
5C's – Cinco fatores oblíquos	2195.26	1700	0.000	1.29	0.926	0.923	0.038 (0.033 – 0.042)
5C's – Hierárquico	2208.26	1705	0.000	1.30	0.924	0.921	0.038 (0.033 – 0.042)
5C's – Bifactor	2036.17	1650	0.000	1.23	0.946	0.942	0.034 (0.029 – 0.039)
LSTS – Oito fatores oblíquos	610.89	436	0.000	1.40	0.966	0.962	0.044 (0.035 – 0.052)
LSTS – Hierárquico	676.27	456	0.000	1.48	0.950	0.945	0.048 (0.040 – 0.056)
LSTS – Bifactor	617.20	432	0.000	1.43	0.959	0.953	0.046 (0.037 – 0.053)

Conforme os resultados expostos na Tabela 1, ambos os instrumentos se ajustaram aos dados da amostra e demonstram ter qualidade para mensurar os construtos propostos. Os achados referentes ao instrumento LSTS denotaram ser favoráveis a estrutura fatorial de oito fatores correlacionados. Sobre a medida 5C's – DPJE, a estrutura fatorial bifactor apresentou índices ligeiramente melhores quando comparado as outras duas estruturas. Diante disso, foi realizado um cálculo dos índices bifactores, a partir das cargas fatoriais carregadas nos fatores específicos e no geral. Os resultados indicaram a adequação da estrutura unidimensional do instrumento, isto é, os índices referentes ao fator geral foram superiores aos fatores específicos, no que diz respeito a variância comum explicada e ômega hierárquico (ver Tabela 2). Adicionalmente, a porcentagem de correlações não contaminadas também corroborou para a adequação da estrutura unidimensional, ao obter um valor igual a 0.81.

Tabela 2

Informações do modelo bifactor.

Itens	Geral	C1	C2	C3	C4	C5	Itens	Geral	C1	C2	C3	C4	C5
1	0.556	0.171					37	0.535				0.116	
2	0.405	0.759					38	0.541				0.100	
3	0.559	0.343					39	0.322				0.028	
4	0.580	0.136					40	0.492				0.075	
5	0.569	0.459					41	0.465				-0.441	
6	0.601	0.281					42	0.505				-0.406	
7	0.461	-0.002					43	0.383				0.301	
8	-0.240	-0.197					44	0.286				0.094	
9	0.414	0.360					45	0.374				-0.706	
10	0.562	0.242					46	0.601				-0.353	
11	0.474	0.124					47	0.605				0.070	
12	0.551	0.180					48	0.587				-0.046	
13	0.664		0.218				49	0.495					0.350
14	0.711		0.073				50	0.649					0.444
15	0.710		-0.090				51	0.615					0.336
16	0.561		0.019				52	0.614					0.510
17	0.466		0.115				53	0.443					0.340
18	0.546		0.321				54	0.446					0.219
19	-0.128		-0.669				55	0.528					0.377
20	-0.131		-0.871				56	0.540					0.298
21	0.668		0.158				57	0.391					0.167
22	0.665		0.009				58	0.636					0.222
23	-0.245		-0.627				59	0.233					0.211
24	0.708		0.043				60	0.233					0.118
25	0.624			0.354									
26	0.506			0.074									

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

27	0.621			0.144									
28	0.570			0.202									
29	0.507			0.213									
30	-0.264			-0.673									
31	0.576			0.085									
32	-0.189			-0.440									
33	-0.202			-0.530									
34	-0.209			-0.515									
35	0.458			0.308									
36	-0.117			-0.326									
ECV	0.681	0.059	0.081	0.074	0.050	0.055	ωh	0.909	0.178	0.048	0.070	0.033	0.237

Nota. C1 = Competência, C2 = Confiança, C3 = Conexão, C4 = Cuidado, C5 = Caráter.

Uma vez verificadas as evidências de validade com base na estrutura interna, estimou-se as relações entre os dois modelos teóricos. Com base nos resultados da correlação apresentados na Tabela 3, é possível verificar que os modelos que propõem avaliar o DPJ em diferentes perspectivas estão associados entre si. Os resultados sugeriram uma relação de fraca ($r = ,10$ – conexão/gerenciando emoções) a forte ($r = ,60$ – cuidado/encontro e cumprimento). Foi possível notar ainda que as relações mais altas são entre o fator “encontro e cumprimento” com todos os C’s, entre competência com outros três fatores da LSTS, sendo eles, estabelecendo objetivos, fazendo escolhas saudáveis e apreciando a diversidade. Como também na relação do cuidado com buscando ajuda pelos outros e do caráter com três fatores (apreciando a diversidade, buscando ajuda pelos outros e ajudando os outros).

Tabela 3

Correlação entre os 5C's e os fatores de transferências de habilidade para a vida.

	Média/ Desvio-padrão	α	ω	C1	C2	C3	C4	C5	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
C1	46.71(± 7.07)	.84	.83	—												
C2	45.65(± 7.88)	.83	.82	.76	—											
C3	50.19(± 8.36)	.87	.87	.54	.67	—										
C4	41.37(± 7.30)	.74	.81	.57	.66	.70	—									
C5	48.70(± 5.23)	.67	.70	.52	.56	.61	.62	—								
F1	15.77(± 3.23)	.69	.68	.49	.48	.49	.60	.53	—							
F2	15.41(± 3.25)	.77	.74	.29	.30	.10*	.31	.34	.40	—						
F3	14.34(± 3.90)	.84	.84	.45	.43	.29	.40	.36	.36	.49	—					
F4	15.76(± 3.44)	.84	.83	.38	.33	.30	.38	.42	.44	.43	.27	—				
F5	15.90(± 3.38)	.82	.83	.45	.40	.30	.32	.30	.35	.30	.30	.35	—			
F6	17.11(± 3.04)	.91	.91	.47	.41	.35	.42	.50	.58	.36	.30	.46	.48	—		
F7	16.58(± 3.36)	.90	.90	.37	.32	.30	.45	.48	.49	.36	.29	.48	.51	.72	—	
F8	16.97(± 3.07)	.90	.90	.42	.33	.27	.41	.50	.43	.32	.32	.46	.46	.63	.74	—

Nota. C1 = Competência, C2 = Confiança, C3 = Conexão, C4 = Cuidado, C5 = Caráter, F1 = Encontro e cumprimento; F2 = Gerenciando emoções; F3 = Estabelecendo objetivos; F4 = Resolvendo conflito; F5 = Fazendo escolhas saudáveis; F6 = Apreciando a diversidade; F7 = Buscando por ajuda dos outros; F8 = Ajudando os outros. *Correlações não significativas ($p > .05$).

Na Tabela 3 é possível verificar também os resultados referentes à média e consistência interna de cada um dos fatores. Sobre o modelo 5C's, foi possível identificar que a conexão demonstrou ser o C mais endossado pelos atletas. O cuidado, por sua vez, obteve uma média inferior comparado a outras características. Os níveis da consistência interna demonstraram ser satisfatórios, com exceção do caráter que ficou com um valor próximo do recomendado no alfa de Cronbach. No que concerne os fatores do LSTS, o fator ajudando os outros obteve uma média superior, enquanto estabelecendo objetivos apresentou níveis mais baixos. Sobre a consistência interna, foi possível observar que os fatores alcançaram níveis satisfatórios, exceto pelo fator encontro e cumprimento, que ficou um pouco abaixo do recomendado.

Por fim, os resultados da modelagem de equações estruturais, com um modelo em que os C's predizem os fatores do LSTS, demonstrou ser adequado, ao apresentar bons índices de ajustes: $\chi^2 = 4480,78$; g.l. = 4016; $\chi^2/\text{gl} = 1,12$; CFI = 1,000; TLI = 1,030; RMSEA = 0,024 (IC90% 0,019 – 0,028), sugerindo que as cinco características do modelo teórico de Lerner et al. (2005) podem ter influência significativa sobre os fatores da LSTS. Na Tabela 4 são apresentadas as cargas fatoriais do modelo.

Tabela 4

Cargas fatoriais do modelo.

Fatores	C1	C2	C3	C4	C5	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
Itens													
1	0.56	0.68	0.78	0.56	0.61	0.51	0.70	0.83	0.77	0.70	0.86	0.88	0.83
2	0.53	0.76	0.62	0.56	0.75	0.51	0.68	0.82	0.75	0.68	0.90	0.83	0.82
3	0.68	0.71	0.78	0.36	0.67	0.75	0.61	0.69	0.72	0.67	0.80	0.87	0.87
4	0.68	0.55	0.74	0.52	0.71	0.57	0.63	0.68	0.74	0.88	0.80	0.75	0.84
5	0.70	0.50	0.67	0.49	0.52								
6	0.65	0.59	-0.37	0.52	0.55								
7	0.51	-0.18	0.75	0.36	0.65								
8	-0.32	-0.18	-0.25	0.28	0.61								
9	0.49	0.71	-0.27	0.43	0.47								
10	0.63	0.70	-0.27	0.60	0.73								
11	0.47	-0.28	0.56	0.63	0.28								
12	0.65	0.76	-0.16	0.63	0.27								
CC	0.86	0.85	0.83	0.80	0.86	0.69	0.75	0.84	0.83	0.82	0.91	0.90	0.91
VME	0.34	0.35	0.32	0.26	0.35	0.36	0.43	0.67	0.56	0.54	0.71	0.70	0.71

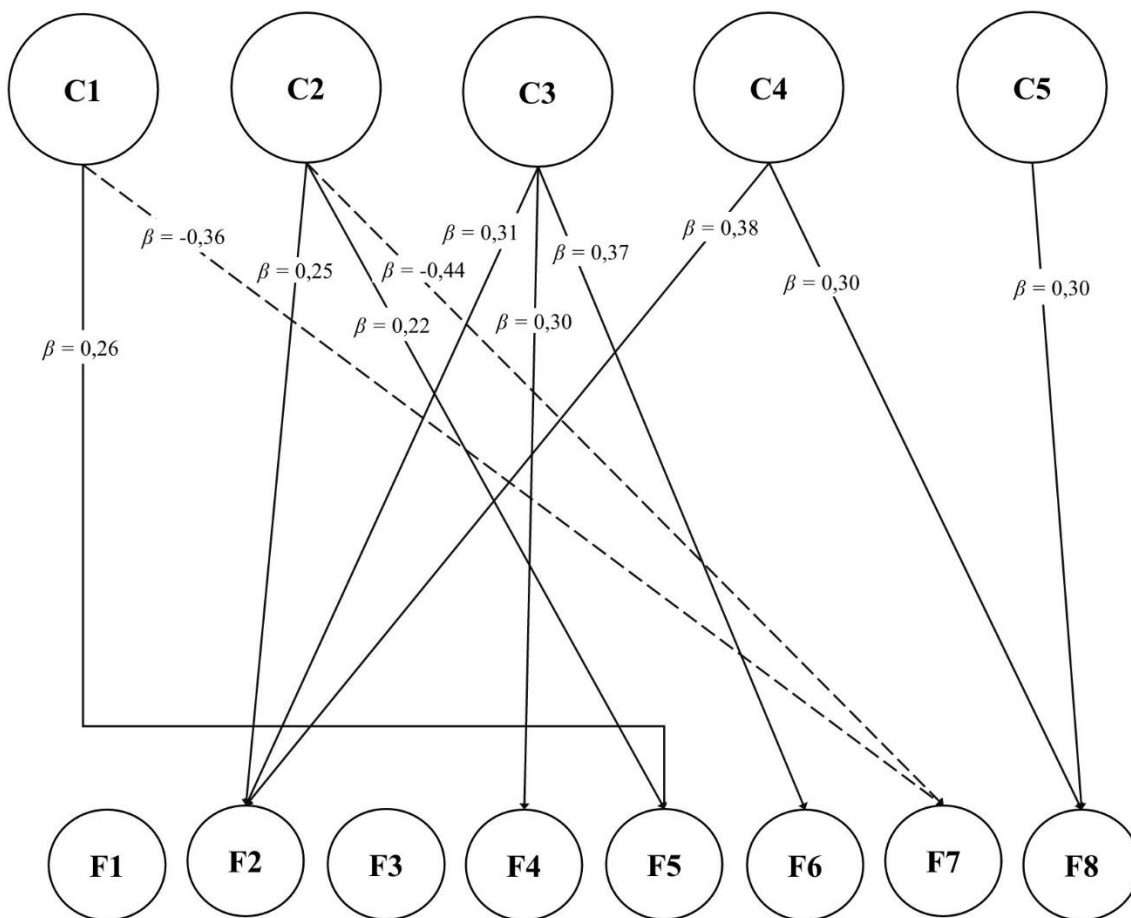
Nota. CC = Confiabilidade Composta; VME = Variância Média Extraída; C1 = Competência, C2 = Confiança, C3 = Conexão, C4 = Cuidado, C5 = Caráter, F1 = Encontro e cumprimento; F2 = Gerenciando emoções; F3 = Estabelecendo objetivos; F4 = Resolvendo conflito; F5 = Fazendo escolhas saudáveis; F6 = Apreciando a diversidade; F7 = Buscando por ajuda dos outros; F8 = Ajudando os outros.

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

Na Figura 1 é possível verificar as contribuições significativas dos C's sobre os fatores do LSTS. Com base nos resultados apresentados, todos os C's influenciam de alguma maneira na transferência de habilidades para a vida, sendo os maiores preditores a confiança e a conexão, haja vista que ambos indicaram impactar em três componentes do LSTS. Adicionalmente, os resultados demonstraram que a competência explica aproximadamente 53% da variância dos fatores da LSTS, a confiança explica cerca de 54%, a conexão 62%, o cuidado 27% e o caráter 45%.

Figura 1

Apresentação dos resultados significativos da modelagem de equações estruturais.



Nota. C1 = Competência, C2 = Confiança, C3 = Conexão, C4 = Cuidado, C5 = Caráter, F1 = Encontro e cumprimento; F2 = Gerenciando emoções; F3 = Estabelecendo objetivos; F4 = Resolvendo conflito; F5 = Fazendo escolhas saudáveis; F6 = Apreciando a diversidade; F7 = Buscando por ajuda dos outros; F8 = Ajudando os outros.

Conforme exposto na Figura 1, a conexão obteve uma associação preditiva com gerenciando emoções, resolvendo conflito e apreciando a diversidade. A confiança demonstrou ser uma variável facilitadora de gerenciamento de emoções e fazendo escolhas saudáveis. No entanto, obteve uma associação negativa com buscando por ajuda dos outros, resultado semelhante com a competência, ou seja, níveis elevados de confiança e competência diminuem a possibilidade de o atleta buscar por ajuda. Com exceção dessas duas associações negativas, os 5C's demonstraram ser facilitadores da transferência das habilidades para a vida.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo apresentar novas evidências dos instrumentos para mensurar os 5C's e a transferência de habilidades para a vida, como também verificar as relações entre os dois modelos teóricos. De maneira geral, os resultados foram satisfatórios ao demonstrar que há evidência acerca da estrutura interna e na relação entre os modelos.

No que diz respeito a estrutura interna, foi possível observar que as propriedades psicométricas do 5C's – DPJE e do LSTS foram consideradas satisfatórias. Semelhante ao estudo de Campos (2022), o presente estudo corrobora a estrutura bifactor como mais adequada, além de sugerir que as outras estruturas também são pertinentes para avaliação do modelo 5C's. Em outras palavras, os achados da presente pesquisa sustentam que a 5C's - DPJE é uma ferramenta capaz de mensurar o modelo 5C's a partir da perspectiva de que há cinco características, que quando alcançadas proporcionam o escore geral do DPJ. Assim, a ferramenta possibilita que as características sejam avaliadas de maneira independente ou que seja considerado o escore total do teste.

O instrumento para mensurar a transferência de habilidades para a vida tem sido estudado no Brasil por Romano (2022), em seu formato original e versão curta. Neste estudo, a versão curta foi testada e aplicada, com o objetivo de proporcionar evidências adicionais sobre a estrutura fatorial. Conforme os resultados do estudo original (Weiss et al., 2014) e do primeiro estudo do LSTS no Brasil (Romano, 2022), uma estrutura hierárquica foi analisada e identificada como aceitável. Apesar dos resultados encontrados corroborarem sobre a eficácia da estrutura hierárquica na avaliação da transferência de habilidades para a vida, observou-se que o modelo de oito fatores correlacionado se ajustou de maneira mais adequada aos dados da amostra. Esses achados são promissores, ao apresentar avanços acerca da avaliação da transferência de habilidades em atletas brasileiros, sugerindo que os fatores podem ser interpretados também de forma isolada.

Ressalta-se que sobre as perspectivas de avaliação do modelo 5C's, há pesquisadores que apoiam o uso dos 4C's. A partir da revisão teórica realizada por Côté et al. (2010), as dimensões cuidado e caráter foram agrupadas em uma única dimensão, dado que não foram encontradas definições claras para esses C's no contexto esportivo. Assim, estudos futuros (Vierimaa et al. 2012) indicaram a junção das características ao entender que juntos formariam um C associado a comportamentos pró-social e antidesportivos. Em contrapartida, os achados da correlação e da modelagem de equações estruturais corroboram os estudos de Campos (2022) e de Silva et al. (2024), ao sugerir que os dois C's embora possam ser parecidos, não mensuram o mesmo construto.

Os achados deste estudo fornecem suporte empírico para a compreensão de que o desenvolvimento positivo de jovens por meio dos 5C's pode influenciar significativamente a transferência de habilidades para a vida. Conforme observado, a relação entre os fatores dos dois modelos sugere que atletas que apresentam níveis mais elevados de competência, confiança, conexão, cuidado e caráter tendem a apresentar maior capacidade de aprender e aplicar essas habilidades em diferentes contextos além do esporte, especialmente em aspectos sociais e emocionais, como tomada de decisão, valorização da diversidade, resolução de conflitos e busca de apoio. Em outras palavras, isso reforça que o desenvolvimento dessas habilidades não ocorre de maneira isolada, mas por meio de um processo dinâmico que favorece o aprimoramento de competências essenciais para o funcionamento saudável em diferentes ambientes (Pierce et al., 2017; Romano, 2022).

Além disso, o fato de algumas dimensões, como o cuidado e o caráter, apresentarem relações mais fortes com alguns fatores da LSTS pode indicar que essas características desempenham um papel principal na internalização de comportamentos pró-sociais e na construção de um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Com base na fundamentação teórica, os achados são coerentes, uma vez que o cuidado é sobre os sentimentos de compaixão e empatia que o atleta tem consigo e com o outro. Portanto, saber lidar com as emoções, ajudar os outros, saber buscar ajuda quando necessário (Côté et al., 2010; Lerner et al., 2005; Weiss et al., 2014). Em outras palavras, quando o sujeito demonstra gentileza, consegue lidar com suas emoções e compreender seus erros sem culpa. Como também ajudar o colega de equipe, ser alguém que acolhe a angústia dos outros, os aspectos de transferência de habilidades para a vida irão ser estimulados (Lerner et al., 2005; Lerner, 2017).

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

No que diz respeito aos resultados do caráter com o LSTS, entende-se que o atleta que respeita as regras, assim como os colegas e seu treinador, além de demonstrar espírito esportivo, vai estar associado com saber se comunicar, apreciar a diversidade, com buscar por ajuda e ajudar os outros (Lerner et al., 2005; Weiss et al., 2014). Diferente da perspectiva que é preciso vencer a qualquer custo e ter comportamentos antidesportivos (Coakley et al., 2009), o atleta que consegue entender o limite de uma competição. Ao não passar por cima dos outros, tenderá a desenvolver habilidades e competências adaptativas, por exemplo, conseguir lidar com desafios e apresentar comportamentos pró-sociais (Lerner et al., 2005; Peris-Delcampo, 2021). Consequentemente, promovendo motivação, confiança e bem-estar (Harwood, 2008; Harwood et al., 2015).

Dentre as características do modelo 5C's, a conexão demonstra ser uma forte aliada na construção de aprendizagem e aplicação de habilidades em outras áreas da vida. Os resultados indicaram que as relações que são construídas dentro do ambiente esporte, auxiliam para que o atleta consiga gerenciar melhor suas emoções, consiga resolver conflitos e esteja aberto a diversidades. Estudos anteriores têm sugerido que as relações quando construídas de forma positiva e saudável, principalmente pela influência de treinadores, contribuem para o desenvolvimento de emoções e comportamentos adaptativos (Bernal et al., 2023; Cantonero-Cobos et al., 2024; Sánchez et al., 2024; Silva et al., 2023; Van Yperen et al., 2021). Ao experienciar momentos de afetos, confiança, resolução de conflitos, entre outras características associadas a característica conexão, o atleta tende a promover competências socioemocionais que podem ser aplicadas a outras áreas da vida (Bean et al., 2016; Freire et al., 2023; Holt et al., 2020).

Os achados da presente pesquisa propiciam o avanço acerca da compreensão entre modelos teóricos a nível latente, além de contribuir para a aproximação entre pesquisa e prática. Desde a elaboração dos modelos teóricos, autores têm desenvolvido pesquisas para compreensão teórica e empírica de forma isolada, seja em contexto educacional, social ou esportivo (e.g., Campos, 2022; Pierce et al., 2017; Romano, 2022; Silva et al., 2024; Weiss et al., 2014). Agrupar dois modelos teóricos independentes proporciona uma nova perspectiva acerca da avaliação do DPJ, a partir dos resultados foi possível entender que conforme os 5C's são alcançados o atleta consegue transferir suas habilidades para a vida. Isto é, tem facilidade para aplicar o que foi aprendido no contexto esportivo em outras áreas da vida (escolar, familiar e grupo de amigos). É importante descrever ainda que de acordo com Lerner e Lerner (2011), quando as cinco características são promovidas um novo C aparece, a contribuição que o indivíduo desenvolve em relação a si, a sociedade e a família. Em suma, os achados ressaltam a importância de intervenções que incentivem o desenvolvimento dos 5C's como meio de fortalecer habilidades adaptativas ao longo da vida, contribuindo para a formação de indivíduos mais engajados com a sua vida e com a comunidade.

CONCLUSÃO

A utilização dos modelos no Brasil, mesmo que de maneira independente, ainda é algo recente. Ou seja, ainda há poucos recursos para avaliação do DPJ, como também há poucos estudos acerca das evidências de validade no país (Campos, 2022; Romano, 2022; Silva et al., 2024). Dessa forma, fomentar dados adicionais sobre a capacidade de mensurar os 5C's e a transferência de habilidades para a vida, auxilia a superar desafios na área das ciências do esporte.

Os achados desta pesquisa contribuem significativamente para o avanço do conhecimento sobre os 5C's e a transferência de habilidades para a vida, demonstrando que ambos os modelos teóricos possuem propriedades psicométricas satisfatórias e relações significativas entre si. A estrutura interna dos instrumentos foi validada, reforçando sua aplicabilidade na mensuração do Desenvolvimento Positivo dos Jovens e possibilitando novos avanços sobre a aplicação da abordagem no esporte.

A pesquisa também destaca a relevância de pensar em estratégias e intervenções voltadas à promoção dos 5C's, uma vez que, ao serem estimuladas, essas características não apenas fortalecem habilidades individuais, mas também ampliam o impacto social do esporte. O conceito de um possível sexto C, a contribuição, reforça essa

perspectiva ao indicar que o desenvolvimento das cinco características fundamentais favorece um engajamento ativo do indivíduo com sua comunidade, com a família e até para si próprio.

Embora os resultados sejam promissores e proporcionem dados inéditos acerca de dois modelos teóricos em conjunto, ainda há limitações que precisam ser superadas. O primeiro ponto refere-se a amostra ser de atletas de alto rendimento, por isso, as características dos participantes podem ser distintas de pessoas que praticam o esporte por lazer, saúde ou como questão social, por exemplo. Dessa forma, recomenda-se que em futuros estudos a amostra seja explorada para outros grupos associados a prática esportiva. Outra questão é que a presente pesquisa tem delineamento transversal, o que impede a interpretação de relação de causa e efeito entre as variáveis, assim, sugere-se elaborar pesquisas com delineamento longitudinal.

APLICACIONES PRÁCTICAS

Os achados deste estudo destacam a importância do desenvolvimento das cinco características fundamentais – competência, confiança, conexão, cuidado e caráter (5C's) – para atletas, bem como suas implicações além do contexto esportivo. Os resultados indicam que os 5C's podem contribuir para um engajamento mais significativo no esporte, promovendo não apenas a melhora do desempenho atlético, mas também o fortalecimento de aspectos psicossociais essenciais para a vida cotidiana.

Dessa forma, programas de treinamento e desenvolvimento voltados a atletas podem ser estruturados para integrar estratégias que reforcem essas cinco dimensões. Por exemplo, técnicas focadas na construção da confiança e da conexão entre atletas podem ser incorporadas aos ambientes de treinamento e competição, favorecendo o gerenciamento emocional. Além disso, treinadores e profissionais da Psicologia do Esporte podem utilizar essas diretrizes para criar intervenções que fortaleçam o caráter e o cuidado, incentivando práticas esportivas que vão além da performance e promovam um compromisso social e pessoal mais amplo – como atitudes e comportamentos voltados ao auxílio ao próximo.

No âmbito da gestão esportiva, as descobertas deste estudo podem orientar a formulação de políticas e programas que incentivem a participação esportiva de adultos, enfatizando seus benefícios psicossociais. Academias, clubes e associações esportivas podem utilizar esses resultados para reforçar a importância de um ambiente que promova valores e habilidades fundamentais ao desenvolvimento humano.

Por fim, as evidências obtidas sugerem que o esporte pode ser um meio eficaz de promover habilidades para a vida, oferecendo uma estrutura de desenvolvimento que ultrapassa o aspecto físico e impacta positivamente a sociedade. Investir em iniciativas que favoreçam o cultivo dos 5C's pode não apenas otimizar a experiência esportiva dos atletas, mas também gerar impactos positivos em suas vidas pessoais, profissionais e comunitárias.

AGRADECIMIENTOS

Este trabalho recebeu auxílio financeiro da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2022/05384-0.

REFERÊNCIAS

1. Agnew, D., Jackson, K., Pill, S., & Edwards, C. (2019). Life Skill Development and Transfer beyond Sport. *Physical Culture and Sport, Studies and Research*, 84(1), 41–54. <https://doi.org/10.2478/pcssr-2019-0025>
2. Ato, M., López-García, J. J., & Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 29(3), 1038-1059. <https://doi.org/10.6018/analesps.29.3.178511>

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

3. Bailey, R., Hillman, C., Arent, S., & Petitpas, A. (2013). Physical activity: an underestimated investment in human capital?. *Journal of physical activity and health*, 10(3), 289-308. <https://doi.org/10.1123/jpah.10.3.289>
4. Bean, C., Kendellen, K., & Forneris, T. (2016). Moving beyond the gym: Exploring life skill transfer within a female physical activity-based life skills program. *Journal of Applied Sport Psychology*, 28(3), 274-290. <https://doi.org/10.1080/10413200.2015.1124155>
5. Bean, C., Kramers, S., Forneris, T., & Camiré, M. (2018). The implicit/explicit continuum of life skills development and transfer. *Quest*, 70(4), 456-470. <https://doi.org/10.1080/00336297.2018.1451348>
6. Bernal, J. S., Vives-Ribó, J., Costa, M. M., Cabero, S. G., & Valle, A. A. (2025). Competencias parentales, nivel de práctica deportiva y sentido de la vida en deportistas jóvenes. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 25(1), 46-65. <https://doi.org/10.6018/cpd.482411>
7. Borrueco, M., Ramis, Y., Pallarès, S., & Cruz, J. (2020). Aplicación del modelo de las 5Cs para la formación de entrenadores: Un ejemplo de práctica basada en la evidencia. *Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, 5(1). <https://doi.org/10.5093/rpadef2020a3>
8. Bowers, E. P., Li, Y., Kiely, M. K., Brittian, A., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2010). The five Cs modelo of positive youth development: a longitudinal analysis of confirmatory factor structure and measurement invariance. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(7), 720-735. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9530-9>
9. Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford Press.
10. Campos, D. (2022). *Escala dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte: Construção e Evidências de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.
11. Campos, D., Silva, M. P. P., & Peixoto, E. M. (no prelo). 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte: Construção de uma medida. *Psicologia em Pesquisa* (UFJF).
12. Campos, D., Silva, M. P. P., & Peixoto, E. M. (2025). 5C's of Positive Youth Development in Sports Battery: Short versions and acquiescence control. *Ciencias Psicologicas*, 19(1), e-3933. <https://doi.org/10.22235/cp.v19i1.3933>
13. Catalano, R. F., Berglund, M. L., Ryan, J. A., Lonczak, H. S., & Hawkins, J. D. (2004). Positive youth development in the United States: Research findings on evaluations of positive youth development programs. *The annals of the American academy of political and social science*, 591(1), 98-124. <https://doi.org/10.1177/0002716203260102>
14. Catalano, R. F., Skinner, M. L., Alvarado, G., Kapungu, C., Reavley, N., Patton, G. C., ... & Petroni, S. (2019). Positive youth development programs in low-and middle-income countries: A conceptual framework and systematic review of efficacy. *Journal of Adolescent Health*, 65(1), 15-31. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.01.024>
15. Cantonero-Cobos, M. J., Real-Arsuaga, Á., Barragán-Pereira, R., & García-Ceberino, M. J. (2024). Formación docente y clima motivacional en Educación Física: Percepción del alumnado de Educación Secundaria Obligatoria. *E-balonmano. com: Journal of Sports Science/Revista de Ciencias del Deporte*, 20(3). <https://doi.org/10.17398/1885-7019.20.343>
16. Coakley, J. J., & Pike, E. (2009). *Sports in society: Issues and controversies*. McGraw Hill Companies.
17. Côté, J., Buner, M. W., Erickson, K., Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2010). Athlete development and coaching. In: J. Lyle, & C. Cushion (Eds.), *Sport coaching: Professionalism and practice* (pp. 63-79). Elsevier.
18. Dvorsky, M. R., Kofler, M. J., Burns, G. L., Luebke, A. M., Garner, A. A., Jarret, M. A., Soto, E. F., & Becker, S. P. (2019). Factor structure and criterion validity of the five Cs model of positive youth development in a

- multi-university sample of college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 48(2). <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0938-y>
19. Eichas, K., Ferrer-Wreder, L., & Olsson, T. M. (2019). Contributions of positive youth development to intervention science. *Child & Youth Care Forum*, 48, 279-287. <https://doi.org/10.1007/s10566-018-09486-1>
 20. Esperança, J. L., Dias, C., Brustad, R. J., & Fonseca, A. M. (2018). Desenvolvimento positivo dos jovens: Estudo exploratório realizado com estudantes portugueses. *Análise Psicológica*, 36(4), 427-437. <https://doi.org/10.14417/ap.1420>
 21. Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: a flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39(2), 175–191. <https://doi.org/https://doi.org/10.3758/bf03193146>
 22. Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 10(1), 19–40. <https://doi.org/10.1080/1740898042000334890>
 23. Freire, G. L. M., Ribeiro, L. C., de Oliveira, D. V., dos Santos Oliveira, I. F., Fiorese, L., & do Nascimento Junior, J. R. A. (2023). Are the athletes' perceptions of the coach's autonomy support, age and practice time associated with the development of life skills among young athletes?. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 23(1), 79-88. <https://doi.org/10.6018/cpd.482411>
 24. García, D. S., Sánchez, L. F. R., Carrasco, J. O. L., & Barradas, E. Y. F. (2024). Being a competent coach and authentic leader influences the fulfillment of the athlete's basic psychological needs. *E-balonmano com Journal Sports Science*, 20(2), 135-142. <https://doi.org/10.17398/1885-7019.20.135>
 25. Gonzalez, R. H., Barros, A. E. C., Aires, H., Saldanha, D. F., & Balbinotti, C. A. A. (2019). Esporte na educação e formação de jovens. In: E. M. Peixoto, & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano* (pp. 45-64). Viseu.
 26. Gould, D., & Carson, S. (2008). Life skills development through sport: current status and future directions. *International Review of Sport & Exercise Psychology*, 1(1), 58–78. <http://10.0.4.56/17509840701834573>
 27. Harwood, C. (2008). Developmental consulting in a professional football academy: The 5Cs coaching efficacy program. *The Sport Psychologist*, 22(1), 109–133. <https://doi.org/10.1123/tsp.22.1.109>
 28. Harwood, C. G., Barker, J. B., & Anderson, R. (2015). Psychosocial development in youth soccer players: Assessing the effectiveness of the 5Cs intervention program. *The Sport Psychologist*, 29(4), 319-334. <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.2014-0161>
 29. Heck, K. E., & Subramaniam, A. (2009). *Youth development Frameworks* [Monograph]. Davis, CA: 4-H Center for Youth Development, University of California. <http://4h.ucanr.edu/files/1224.pdf>
 30. Hinson, L., Kapungu, C., Jessee, C., Skinner, M., Bardini, M., & Evans-Whipp, T. (2016). *Measuring positive youth development toolkit: A guide for implementers of youth programs*. YouthPower Learning, Making Cents International, 1-20.
 31. Holt, N. L., Tink, L. N., Mandigo, J. L., & Fox, K. R. (2008). Do youth learn life skills through their involvement in high school sport? A case study. *Canadian Journal of Education/Revue canadienne de l'éducation*, 281-304. <https://www.jstor.org/stable/20466702>
 32. Holt, N. L., Deal, C. J., & Pankow, K. (2020). Positive youth development through sport. In G. Tenenbaum, & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (4th ed, pp. 429-446). Wiley.
 33. Holt, N. L., Neely, K. C., Slater, L. G., Camiré, M., Côté, J., ... Tamminen, K. A. (2017). Agrounded theory of positive youth development through sport based on results from a qualitative meta-study. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10, 1–49. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2016.1180704>

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

34. Jacobs, J. M., & Wright, P. M. (2018). Transfer of Life Skills in Sport-Based Youth Development Programs: A Conceptual Framework Bridging Learning to Application. *Quest*, 70(1), 81–99. <https://doi.org/10.1080/00336297.2017.1348304>
35. Kurtines, W. M., Ferrer-Wreder, L., Berman, S. L., Lorente, C. C., Briones, E., Montgomery, M. J., ... & Arrufat, O. (2008). Promoting positive youth development: The Miami youth development project (YDP). *Journal of Adolescent Research*, 23(3), 256-267. <https://doi.org/10.1177/0743558408314375>
36. Lerner, R. M. (2017). Commentary: studying and testing the positive youth development model: A tale of two approaches. *Child development*, 88(4), 1183-1185. <https://doi.org/10.1111/cdev.12875>
37. Lerner, R. M., & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, 49, 413-446. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.49.1.413>
38. Lerner, R. M., & Lerner, J. V. (2011). *The positive development of youth: Report of the findings from the first seven years of the 4-H study of positive youth development*. Tufts University.
39. Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S., Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17-71. <https://doi.org/10.1177%2F0272431604272461>
40. Lerner, R. M., Lerner, J. V., Bowers, E., & Geldhof, G. J. (2015). Positive youth development and relational developmental systems. In W. F. Overton & P. C. Molenaar (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science* (7th ed., pp. 607–651). Wiley.
41. Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2004). The scientific study of adolescent development: Past, present and future. In: R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Adolescent Psychology* (2nd ed., pp. 1-12). John Wiley & Sons, inc.
42. Milistetd, M., Ciampolini, V., Palheta, C. E., & Anelo, J. (2020). Coleção cadernos do treinador: Desenvolvimento Positivo de Jovens (1a.). Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte - UFSC. <https://lapeufsc.wixsite.com/lapeufsc/nossa-biblioteca>
43. Montgomery, M. J., Kurtines, W. M., Ferrer-Wreder, L., Berman, S. L., Lorente, C. C., Briones, E., ... & Eichas, K. (2008). A Developmental Intervention Science (DIS) outreach research approach to promoting youth development: Theoretical, methodological, and meta-theoretical challenges. *Journal of Adolescent Research*, 23(3), 268-290. <https://doi.org/10.1177/0743558408314376>
44. Peixoto, E. M., Nakano, T. C., Castillo, R. A., Oliveira, L. P., & Balbinotti, M. A. A. (2019). Passion scale: Psychometric properties and invariance factor through Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM). *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2911. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2911>
45. Peris-Delcampo, D. (2021). Intervención psicológica en un jugador de pádel competitivo: un estudio de caso. *Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, 6(1), 1-9. <https://doi.org/10.5093/rpadef2021a2>
46. Petitpas, A. J., Cornelius, A. E., Van Raalte, J. L., & Jones, T. (2005). A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. *The sport psychologist*, 19(1), 63-80. <https://doi.org/10.1123/tsp.19.1.63>
47. Phelps, E., Zimmerman S., Warren A. E. A., Jelicic H., Eye A. V., & Lerner R. M. (2009). The structure and developmental course of positive youth development (PYD) in early adolescence: implications for theory and practice. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(5), 571–584. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.06.003>

48. Pierce, S., Gould, D., & Camiré, M. (2017). Definition and model of life skills transfer. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 186–211. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2016.1199727>
49. Reise, S. P., Scheines, R., Widaman, K. F., & Haviland, M. G. (2013). Multidimensionality and structural coefficient bias in structural equation modeling: A bifactor perspective. *Educational and Psychological Measurement*, 73(1), 5-26. <https://doi.org/10.1177/0013164412449831>
50. Romano, A. R. (2022). *Evidências de validade do Life Skills Transfer Survey (LSTS) no contexto esportivo brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.
51. Roth, J. L., & Brooks-Gunn, J. (2003). What exactly is a youth development program? Answers from research and practice. *Applied developmental science*, 7(2), 94-111. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0702_6
52. Silva, M. P. P. D., Romano, A. R., & Peixoto, E. M. (2024). Proposal and validation of a battery of the 5Cs of Positive Youth Development through Sport. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 41, e210176. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e210176>
53. Silva, M. P. P., de Campos, D., Cavallaro, A. P. O., de Oliveira, L. P., & Peixoto, E. M. (2023). Effects of Passion for Sports and Motivational Climate on Athlete-Athlete Relationships: The Mediating Role of Athlete-Coaches Relationships. *Trends in Psychology*, 1-17. <https://doi.org/10.1007/s43076-023-00353-0>
54. Tolan, P., Ross, K., Arkin, N., Godine, N., & Clark, E. (2016). Toward an integrated approach to positive development: Implications for intervention. *Applied Developmental Science*, 20(3), 214-236. <https://doi.org/10.1080/10888691.2016.1146080>
55. Van Yperen, N. W., Dankers, S., Elbe, A. M., Sanchez, X., & Otten, S. (2021). Perceived inclusion in youth soccer teams: The role of societal status and perceived motivational goal climate. *Psychology of Sport and Exercise*, 53, 101882. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101882>
56. Vierimaa, M., Bruner, M. W., & Côté, J. (2018). Positive youth development and observed athlete behavior in recreational sport. *PloS One*, 13(1), e0191936. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191936>
57. Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 601-614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>
58. Vierimaa, M., Turnnidge, J., Bruner, M., & Côté, J. (2017). Just for the fun of it: coaches' perceptions of an exemplary community youth sport program. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 22(6), 603-617. <https://doi.org/10.1080/17408989.2017.1341473>
59. Weiss, M. R., Bolter, N. D., & Kipp, L. E. (2014). Assessing impact of physical activity-based youth development programs: Validation of the life skills transfer survey (LSTS). *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 85(3), 263–278. <https://doi.org/10.1080/02701367.2014.931558>
60. Weiss, M. R., Stuntz, C. P., Bhalla, J. A., Bolter, N. D., & Price, M. S. (2013). “More than a game”: Impact of The First Tee life skills programme on positive youth development: Project introduction and Year 1 findings. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 5(2), 214–244. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.712997>
61. World Health Organization (1994). *Life skills education for children and adolescents in schools. Pt. 3, Training workshops for the development and implementation of life skills programmes*. World Health Organization. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/63552/WHO_MNH_PSF_93.7A_Rev.2.pdf?sequence=1&isAllowed=y
62. World Health Organization (1999). *Partners in life skills education: Conclusions for a United Nations inter-agency meeting*. https://www.who.int/mental_health/media/en/30.pdf